

A ATIVIDADE AGRÍCOLA ENQUANTO ELEMENTO CONSOLIDADOR DOS SABERES TRADICIONAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA CIDADE DE PIRATINI/RS

NARA BEATRIZ MATIAS SOARES¹; JEFFERSON SOARES GALVÃO²;
NATHÉRCIA PEDOTT³, MARCIA RODRIGUES BERTOLDI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – mnarabeatriz@yahoo.com

²Universidade Federal de Pelotas – jefferso-ngalvao@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nathercia@outlook.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marciabertoldi@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O proposto trabalho objetiva avaliar de que maneira as práticas e conhecimentos agrícolas das comunidades quilombolas da cidade de Piratini/RS compõem os saberes tradicionais desses agrupamentos e atuam enquanto elemento fortificador dessa cultura, com foco na averiguação de que conhecimentos eles trazem consigo, como eles os transmitem e de que forma contribuem com a manutenção da sua cultura e do seu meio comunitário.

Enquanto referencial teórico, o trabalho aporta-se nos estudos de PORTO-GOLÇALVES (2006), que trabalha com a perspectiva das mudanças ocorridas no trabalho agrícola rural, sua maquinização e as repercussões que essas transformações acarretam. Esse estudo, em conjunto com as informações adquiridas através das entrevistas realizadas com entes das referidas comunidades, onde se discutia sobre suas questões agrícolas, formam o apanhado teórico desse trabalho. Utiliza-se também de definição sobre comunidades quilombolas trazida pela Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (BRASIL, 2015).

2. METODOLOGIA

O trabalho utiliza-se do método indutivo e da pesquisa etnográfica. Nesse sentido, analisará entrevistas semiestruturadas realizadas em comunidades quilombolas da cidade de Piratini/RS e conceitos formulados pela doutrina estudada e por órgãos públicos, como a Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, para entender como a atividade agrícola em comunidades quilombolas da cidade de Piratini/RS trabalha para consolidar seus saberes tradicionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (BRASIL, 2015) traz, dentro do seu conceito de comunidades quilombolas, que o território por elas ocupado é a base da reprodução dos elementos sociais, econômicos e culturais dessa coletividade. Nesta senda, o território apresenta-se como parte fundamental para a manutenção dos saberes tradicionais comunitários, em especial os conhecimentos agrícolas.

Historicamente, esse povo tem feito da agricultura não apenas sua principal fonte de renda, como também uma parte indispensável para a compreensão do seu arcabouço cultural. Contudo, no decorrer das últimas décadas, operaram-se diversas mudanças tecnológicas e econômicas, sustentando-se em um

pensamento capitalista e explorador, que acabaram por afetar não apenas essas coletividades tradicionais campestres como também todos que vivem no meio rural e dali tiram seu sustento.

Desta forma, PORTO-GONÇALVES (2006, p.249) indica que a substituição de boa parte da mão de obra agrícola por maquinários, o forte desenvolvimento da indústria química com suas elaborações de agrotóxicos e pesticidas e o alargamento das fronteiras comerciais decorrentes da complexa logística de transportes contribui com as alterações dos preços dos produtos agrícolas e reduzem suas fontes de procura, deixando de beneficiar uma grande parte da população rural em detrimento da agroindústria.

Entretanto, as comunidades tradicionais quilombolas se apresentam como uma figura de resistência perante essa lógica, uma vez que não apenas mantém sua economia, dentro do que lhes é permitido, com base na produção natural de alimentos, como também fortalecem sua cultura com esses conhecimentos.

Em entrevistas realizadas com integrantes das comunidades tradicionais da cidade de Piratini, no Rio Grande do Sul, foi possível averiguar diversas técnicas agrícolas que são perpassadas através das gerações por meio da prática reiterada e pela oralidade. Essas condutas mostram-se em consonância com a manutenção do meio natural onde se encontram imersos.

Em entrevista com um interlocutor da comunidade Rincão do Couro, se questiona sobre o uso de agrotóxicos em suas lavouras:

Pesquisadora: E o senhor usa algum veneno hoje, nada?

Interlocutor: Não, eu sou contra o veneno, vou botar veneno naquilo que eu vou consumir? Não. Se deu alguma praga ali que eu não possa combater o que sobrar é meu, mas veneno não, vou botar veneno pra mim mesmo consumir? Não. Hoje tudo que nós comemos que vende vem envenenado. Tudo a base de veneno.

Em outro momento, um casal de interlocutores da mesma comunidade também trata do tema sobre seus cultivos de trigo:

Interlocutores: Despejava o saco de trigo tudo ali dentro, depois pegava bastante folha de eucalipto e botava por cima. Botava uma camada de folha de eucalipto, e outra camada de trigo, e ia botando. Não dava o vergulho no trigo...

Pesquisadora: Não dava o...?

Interlocutora: Vergulho.

Interlocutor: Que é o tal bichinho que fura o trigo, depois vai plantar, não nasce.

Interlocutora: Não dá pra plantar.

Interlocutor: Planta e não nasce.

Pesquisadora: Essa era a maneira de cuidar da semente do trigo?

Interlocutora: Era o remédio que botava, era esse aí, no trigo. Naquele tempo não usavam remédio [químico].

Interlocutor: Naquele tempo não usavam veneno.

Assim, como resultado desses estudos, se pode averiguar que esses povos tradicionais, na aplicação de seus conhecimentos tradicionais relativos à agricultura, mais do que procedendo com a obtenção de seus rendimentos, estão fortalecendo seus saberes e contribuindo assim tanto com a manutenção de sua riqueza imaterial com também com práticas responsáveis para com o meio ambiente que os circunda.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo tratou de avaliar de que maneira a atividade agrícolas nas comunidades quilombolas da cidade de Piratini/RS cooperam com a fomentação e formação de seus saberes tradicionais.



Deste modo, observou-se que esse arcabouço cultural agrícola mostra-se não apenas como um ente formador de suas rendas, mas como um meio de construção e manutenção dos conhecimentos tradicionais desse povo, além de fazerem parte da riqueza imaterial que levam consigo. Além disso, essas práticas mostraram-se como contribuintes para a manutenção de um meio ambiente harmonioso e equilibrado, uma vez que fundam sua lógica agrícola em atividades que evitem o intermédio de agrotóxico e que respeitem a conjuntura ambiental na qual se inserem.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Comunidades Quilombolas**. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola>>. Acesso em 06/04/2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, **A Globalização da Natureza e a natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.